

Realização



Produção



Visitação

06 de abril a 20 de julho de 2017

Segunda a sexta, 9h às 22h30

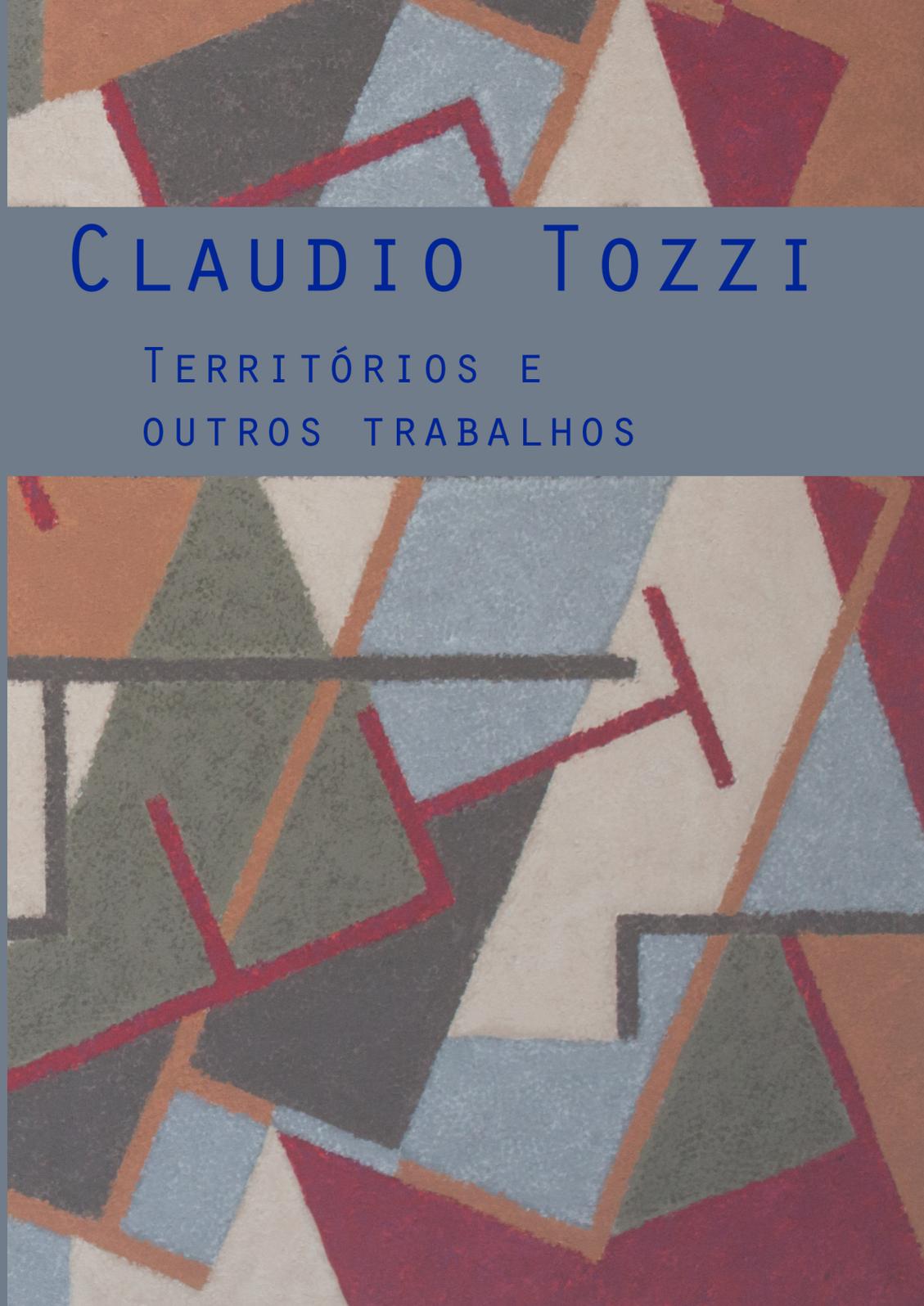
Biblioteca Octavio Ianni
IFCH/Unicamp

Rua Cora Coralina, 100
Barão Geraldo, Campinas – SP
+55 (19) 3521-1617

ifch.unicamp.br/ifch/biblioteca
facebook.com/BibliotecaIFCH

CLAUDIO TOZZI

TERRITÓRIOS E
OUTROS TRABALHOS



CLAUDIO TOZZI

TERRITÓRIOS E

OUTROS TRABALHOS

Curadoria

Alexandre Pedro de Medeiros

APRESENTAÇÃO

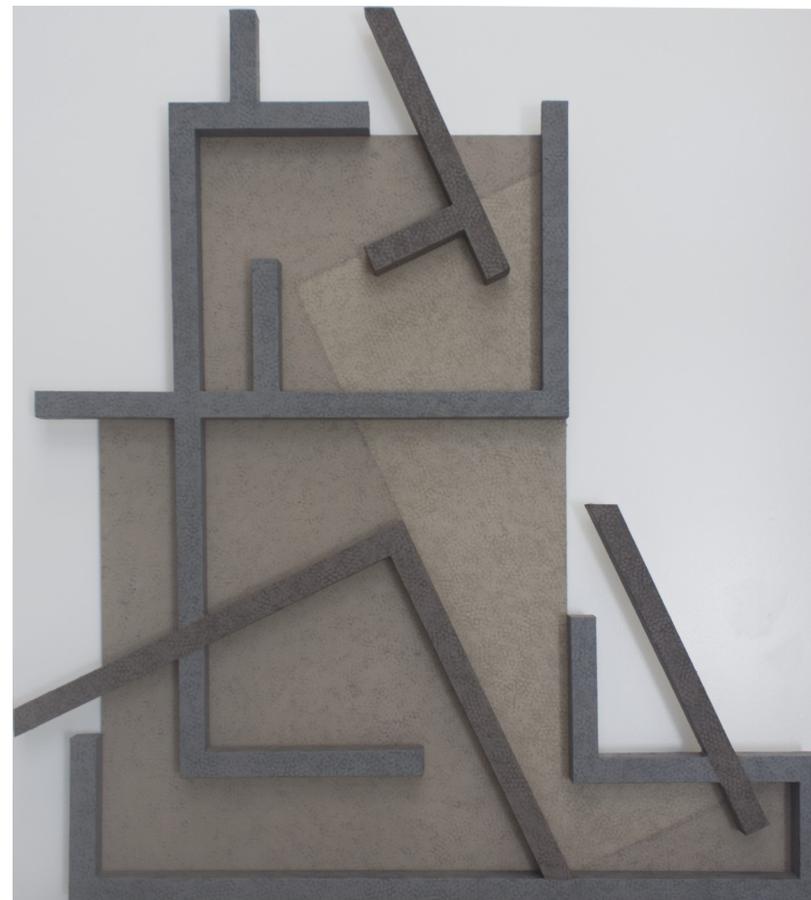
O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas organiza, na Biblioteca Octavio Ianni, a exposição *Territórios e outros trabalhos*. Ela se deve ao empenho de seu curador, Alexandre Pedro de Medeiros, e à generosidade do artista Claudio Tozzi que emprestou criações recentes e inéditas no Brasil. Temos a honra de mostrá-las em nosso país pela primeira vez.

O resultado impressiona. Por uma evidente força plástica, o conjunto de obras impõe-se. Há um procedimento conceitual, fundado em ortogonalidade remetendo aos desenhos de plantas arquiteturais, que são, elas também, o fundamento conceitual dos edifícios.

Mas a poesia dessas obras, tanto daquelas elaboradas com relevos, quanto as propriamente pictóricas, se ergue numa imposição concreta. Existe ali a revelação de uma alma, por assim dizer, sem matéria, derivada da geometria mental. Esta alma, invisível, mas presente, sustenta os aspectos sensíveis, materiais e cromáticos que se constituem sob o olhar do espectador.

Parece-me que esse artista maior atingiu aqui um apogeu de maturidade e de plenitude. Suas obras revelam um aspecto filosófico, situando-se na fronteira entre o sensível e o inteligível. Elas fascinam e suscitam a imersão contemplativa, ao mesmo tempo que solicitam o espectador no seu intelecto.

Jorge Coli
Diretor, IFCH/Unicamp



Claudio Tozzi, *Território*, 2008
Acrílica sobre tela colada em madeira, 140 × 128 cm

**CLAUDIO TOZZI:
TERRITÓRIOS E OUTROS TRABALHOS**

Claudio Tozzi é um artista que, em sua trajetória de mais de 50 anos, apresentou diversos núcleos. Primeiro, nos agitados anos de 1960, estabeleceu um diálogo com a arte pop. Na década seguinte se interessou pelas proposições da arte conceitual. Em seguida, aproximou sua pintura da arquitetura, área de sua formação, e é ao que tem se dedicado, de certo modo, também recentemente. Sua produção mais recente apresentada nesta exposição não está mais interessada em imaginar arquiteturas, como esteve na década de 1980, pelo menos não no sentido de sua realização concreta, mas em voltar(-se) à origem da arquitetura, isto é, ao espaço.

A problemática do espaço sempre esteve presente na pintura de Tozzi, que comunga de um pensamento de matriz construtiva, o qual, por sua vez, aborda a tela ou o painel como um campo estruturado. Nessa direção, os painéis em mostra aqui nos indicam, já a partir de seus títulos idênticos, a pintura enquanto demarcação, formalização do espaço, cartografia, *Território*.

Há nesses trabalhos – como há em grande parte da produção de Tozzi – uma relação complementar com a arquitetura, evidenciada pela observação do modo como o artista constrói o espaço pictórico, que se aproxima do tratamento dado pelo arquiteto ao espaço tridimensional. Tal fato é patente, porque as obras em questão partem de um pensamento, resultam de um projeto.

Reconhecemos nos “Territórios” de Claudio Tozzi desenhos de plantas baixas, como representações formalizadas do espaço, projetos. Enquanto demarcação, o território está vinculado à

lógica do poder, no sentido de representar a conquista e o controle de um espaço. Contudo, o artista efetua um desvio dessa operação cara à linguagem cartográfica tradicional e seus trabalhos, em vez de representarem lugares, promovem aberturas para espaços imaginários. Desse modo, a arquitetura é utilizada por Tozzi enquanto signo.

Em alguns painéis, por meio de cortes e sobreposições, observamos suas formas transbordarem para além dos limites da tela possibilitando uma interação tridimensional. Há aí um diálogo com as “Composições” do pintor holandês Piet Mondrian, nas quais percebemos uma vontade das formas em se prolongarem ao espaço virtual exterior ao quadro. Assim, não seria exagerado dizer que, como as telas de Mondrian, os trabalhos de Tozzi evocam uma não-finitude das linhas e formas, as quais diante de nossos olhos se libertam de seu caráter planar em direção a um espaço volúmico, então configurando uma arquitetura.

Ao destacar o tema do espaço em sua obra mais recente, o artista paulistano também participa do debate global contemporâneo acerca das questões referentes aos fluxos migratórios, à (des) territorialização e aos movimentos de ocupação do espaço público, como os que recentemente eclodiram em várias cidades brasileiras.

Trabalhos da série “Territórios” já foram expostos na Referência Galeria de Arte, em Brasília, de 3 de setembro a 1º de outubro de 2016, e no Gary Nader Art Centre, em Miami, FL (EUA), de 2 de março a 2 de abril de 2017.

Alexandre Pedro de Medeiros
Curador

Victor Knoll
Professor aposentado de Estética, USP

Ao nos aproximarmos da obra de Claudio Tozzi logo percebemos a sua preocupação com a forma submetida a um tratamento geométrico ou, melhor, com o jogo que se dá entre as formas assim trabalhadas, e, por outro lado, com a qualidade gráfica. Além disso, trata-se de uma obra que deriva de um projeto, de um discernimento racional, que não se entrega aos sentimentos fugazes do momento ou mesmo ao desgovernado exercício da intuição. Intuição, sim; mas, em favor de uma ordenação das formas e de sua purificação, isto é o que nela há de essencial. Assim, sua obra, no geral, manifesta esse traço que é, inclusive, determinante de um estilo: o exercício da pintura, da confecção da obra, está sempre regido por um projeto. Tais observações se aplicam a todo o seu itinerário criativo. Desde os trabalhos, em meados dos anos de 1960, inspirados na *PopArt* até os recentes “Territórios”. [...]

De fato, em um primeiro momento, movido por um olhar ingênuo, há quem refira o trabalho de Claudio Tozzi ao pontilhismo ou mesmo que afirme um parentesco entre um e outro. Há, entretanto, diferença. Diria mais, diferenças. Ao menos duas: 1) não é o toque do pincel sobre a tela que cria a retícula, mas – como já foi dito – a passagem do rolo sobre o suporte e 2) o rolo trabalha sempre ligado a um mesmo tom ou cor, ao contrário do pontilhismo que lida com uma variação de tintas e, portanto, de cores.

A invenção de Claudio Tozzi dessa nova técnica para a aplicação da tinta sobre a tela ganhou três versões. Primeiro temos o gabarito de retícula e em seguida o rolo que transfere a sua superfície reticulada para a tela. Um novo valor plástico é atribuído à imagem que está sendo operada. Mais adiante o rolo é substituído por um boneco cuja base reticulada é feita de silicone que mediante a pressão sobre o suporte já entintado transfere agora uma retícula expandida. Talvez fosse mais próprio falar que agora obtemos uma superfície feita por grãos. Dessa maneira, recorrendo a três técnicas diferentes, a obra de Claudio Tozzi mantém nos três diferentes tipos de retícula ou granulação unidade estilística. O fato de recorrer a três procedimentos, não afeta a unidade das telas feitas em diversos momentos. E isso assegura consistência pictórica para o desenvolvimento de sua obra. [...]

Cabe aqui um breve parêntese: no caso do trabalho de Claudio Tozzi, talvez fosse mais próprio chamar as suas diversas fases pela palavra “núcleo”, pois esta se refere ao âmago ou à essência do objeto. No lugar de “fases”, embora palavra consagrada, “núcleo” conferiria ao comentário uma maior força expressiva. Assim, não reconheceríamos em seu trabalho fases, mas núcleos temáticos e núcleos formais, que dizem respeito não aos traços exteriores das obras, mas, sim, estaríamos lidando com o âmago ou a essência de seu trabalho – por exemplo, o geometrismo aliado ao cromatismo que encontramos em “Passagens” e “Territórios”. [...]

O reconhecimento da obra de Claudio Tozzi como complexa se deve não apenas por passar por uma série de fases ou temas, como a *PopArt*, o parafuso, os territórios, passagens, inter-

venções urbanas e ainda outros – sendo que esse último mereceria uma abordagem especial –, mas, também por ter se voltado para três *medias*: a tela, o objeto e o Super8. E ainda por recorrer a uma superfície plástica, já nos trabalhos desde o ano de 2007, dotada de elementos de três dimensões. Sobre a superfície da tela há elementos em relevo. É o caso, por exemplo, de *Território* de 2011 e boa parte das obras desse núcleo temático. Em cada caso uma solução estética própria. Diante desses trabalhos estamos no limite entre a pintura e a escultura. Esse limite já se anuncia numa obra de 1989, *Acrílica sobre tela em relevo*, diante da qual não sabemos se se trata de uma pintura escultórica ou uma escultura pictórica.

Assim, destaca-se no itinerário de Claudio Tozzi uma série de trabalhos que fica a meio caminho da pintura e da escultura. Essa situação estética se dá na série *Territórios*. São obras que recorrem tanto à superfície plana como ao volume. E há também obras que possuem um caráter de objeto. Trata-se de trabalhos feitos na primeira metade dos anos de 1970 como *Terra/gramal/céu*. A altura varia de 3 a 6 centímetros. Enquanto objeto essas obras podem ser aplicadas à parede como também podem ser postas sobre uma mesa ou um aparador. Esta é a diferença em relação a *Territórios*, cujas obras tem como destino a parede. [...]

Em resumo: a série ou núcleo *Território* fica no limite entre a pintura e a escultura. A obra tem como destino ser aplicada à parede, cumprindo seu lado como pintura. Entretanto, ela é construída com elementos tridimensionais ou dela fazem parte também esses elementos realizando o lado escultórico da obra. E esses dois lados se completam. Há obras compostas apenas com o elemento escultórico, quando a área de uma superfície virtual é vasa-

da. Já outras possuem uma base pintada sobre a qual a peça escultórica é aplicada. A parte tridimensional consiste em uma peça de alguns centímetros de largura, altura e de comprimento conforme a exigência da obra em execução. Assim, determinado trabalho da série pode ter conforme a necessidade construtiva, por exemplo, 50 cm ou 70 cm ou ainda 1 metro e assim por diante. Tudo se passa como se tivéssemos uma tela com elementos em relevo. Uma tela em relevo. [...]

“Territórios” é o seu mais recente campo construtivo. No conjunto dessas telas, que como dissemos e reafirmamos ficam a meio caminho da pintura e da escultura, os elementos em relevo efetuam a organização da imagem. Cada elemento em relevo é uma espécie de fronteira e é assim que o território se articula. “Territórios” poderia também se chamar “Fronteiras”.

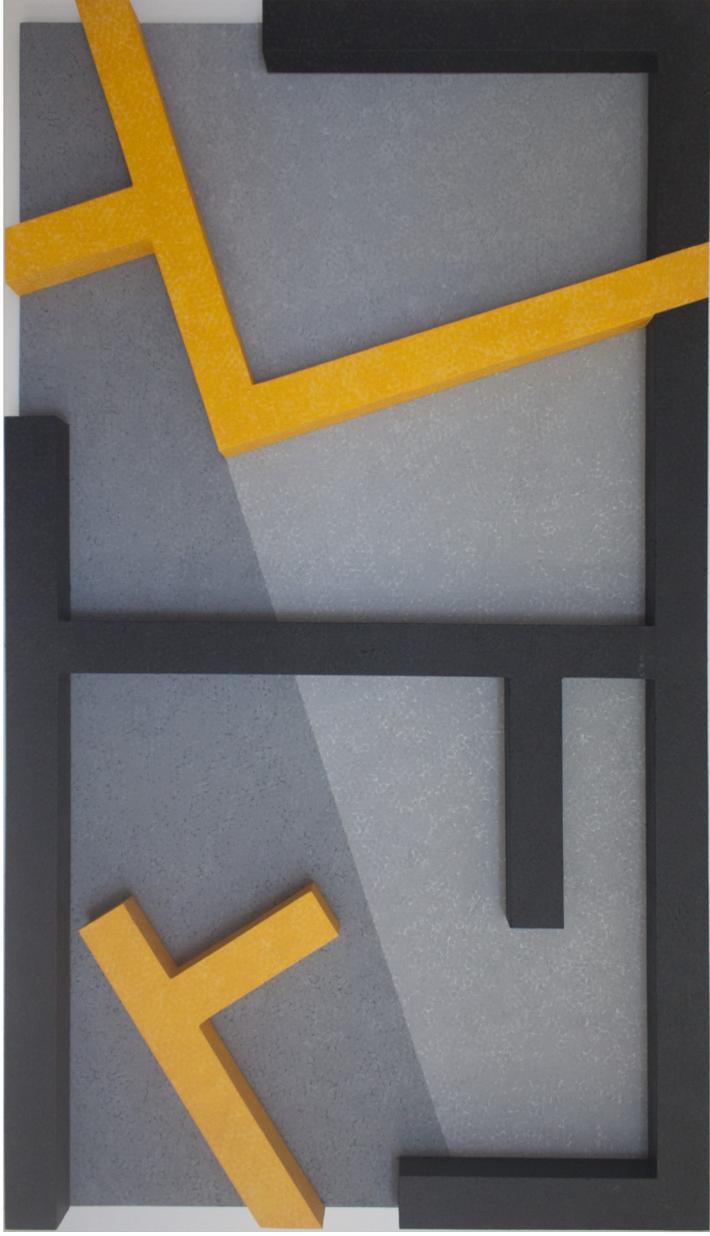
Há um diálogo no interior de cada obra da série entre as formas que a constitui; trata-se de um diálogo sustentado pela tonalidade das cores. Um tom intenso de determinada cor tem como contrapartida um tom suave da mesma cor. Como se uma tonalidade fosse a sombra de outra da mesma cor. Há uma espécie de *ton sur ton*.

Nas obras desse núcleo Claudio Tozzi lida sempre, no máximo, com três cores. Mas, com maior frequência, trabalha apenas com duas cores ou mesmo só com uma. O tom forte, o tom fraco e o cinza. Os elementos em relevo desempenham o papel de linhas que se sobrepõem à superfície pictórica, estabelecendo a organização desse espaço.

¹ Trechos selecionados pelo curador a partir de texto homônimo gentilmente cedido pelo autor.

Claudio Tozzi, *Território*, 2010

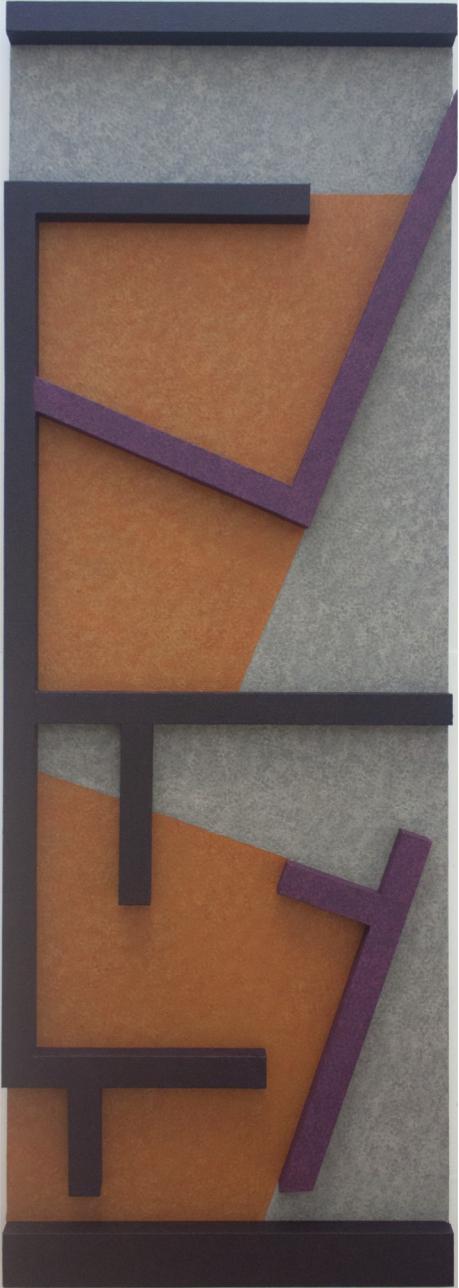
Acrílica sobre tela colada em madeira, 86 × 150 cm



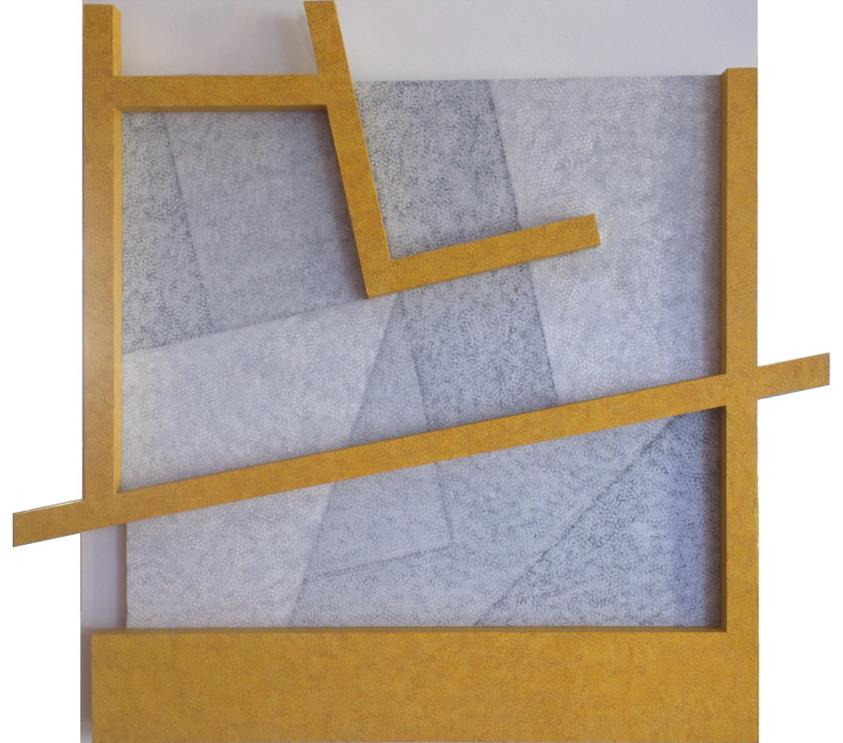
Claudio Tozzi, *Território*, 2011

Acrílica sobre tela colada em madeira, 92 × 165 cm





Claudio Tozzi, *Território*, 2011
Acrílica sobre tela colada em madeira, 71 x 201 cm



Claudio Tozzi, *Território*, 2011
Acrílica sobre tela colada em madeira, 139 x 125 cm



Claudio Tozzi, *Território*, 2009
Acrílica sobre tela, 120 × 200 cm



Claudio Tozzi, *Território*, 2010
Acrílica sobre tela, 120 × 200 cm



Claudio Tozzi, *Território*, 2009
Acrílica sobre tela, 120 × 200 cm



Claudio Tozzi, *Território*, 2003
Acrílica sobre tela, 80 × 160 cm



Claudio Tozzi, Totem, 1999
Acrílica sobre tela colada em madeira, 160 × 40 × 40 cm



Claudio Tozzi, Instalação, 2007. Painel: acrílica sobre tela colada em madeira; Cópia de *Cadeira Vermelha e Azul*, de Gerrit Rietveld: madeira pintada; Cópia de *Mesa Tulipa*, de Eero Saarinen: base em alumínio fundido pintado e tampo em MDF pintado. 173 × 140 × 100 cm

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS

Reitor
Prof. Dr. Marcelo Knobel

**Coordenadora Geral da
Universidade**
Profa. Dra. Teresa Dib Zambon
Atvars

INSTITUTO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor
Prof. Dr. Jorge Coli

Diretor Associado
Prof. Dr. Jesus José Ranieri

BIBLIOTECA OCTAVIO IANNI

Diretora
Valdinéa Sonia Petinari

Secretária
Sueli Almeida Cypriano

EXPOSIÇÃO

Ideia Original
Jorge Coli

Curadoria
Alexandre Pedro de Medeiros

Assistentes de Curadoria
Leonardo José dos Santos
Wellington Renan dos Santos

Comunicação Visual
Alexandre Pedro de Medeiros

Produção Executiva
Valdinéa Sonia Petinari
Sueli Almeida Cypriano
Alexandre Pedro de Medeiros

Transporte
Unicamp

Montagem
Equipe Biblioteca Octavio Ianni

Impressão
Gráfica Unicamp
ComFarofa Comunicação Visual

Agradecimentos
Claudio Tozzi
Ewely Branco Sandrin

CATÁLOGO

Concepção
Alexandre Pedro de Medeiros

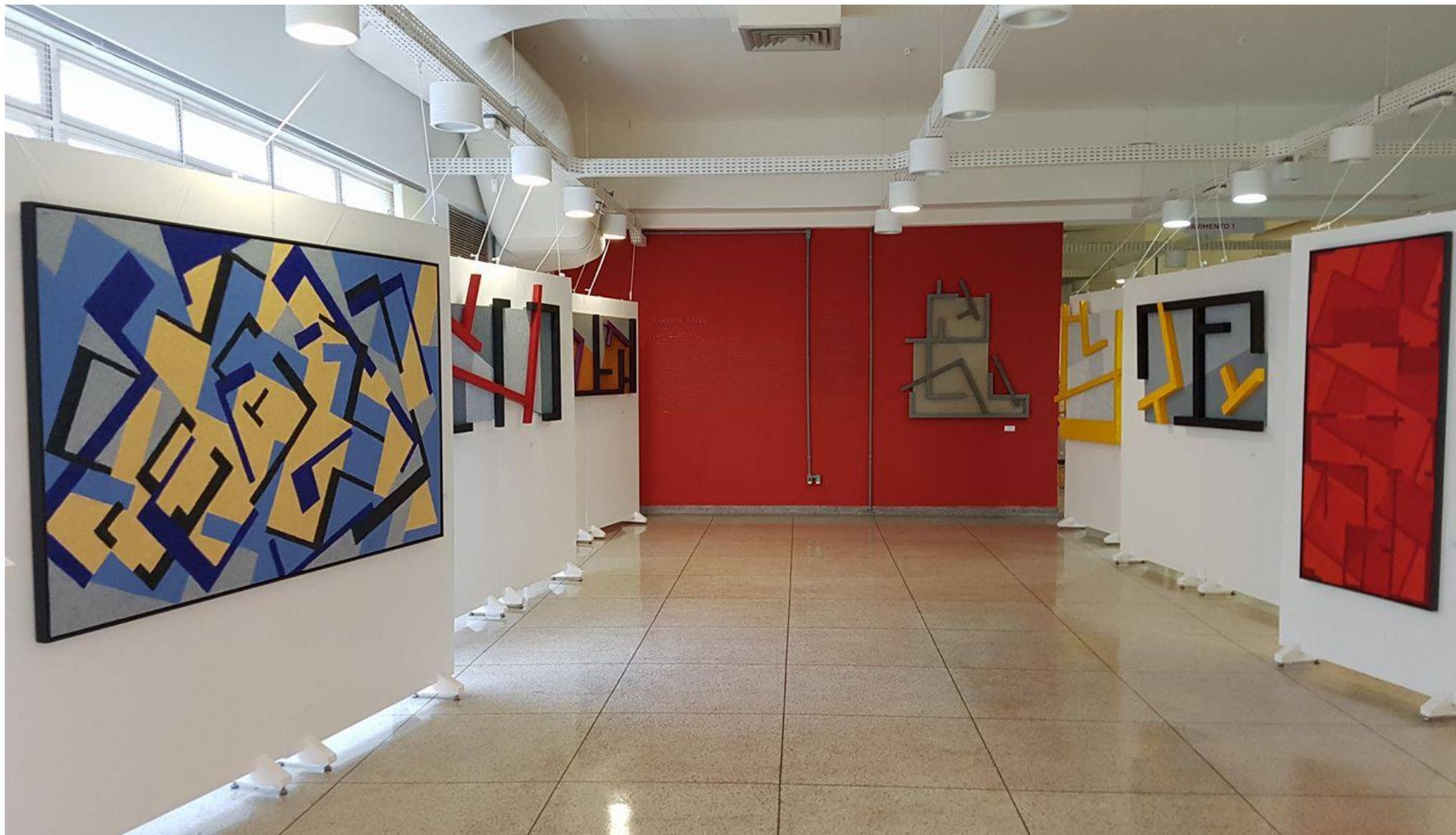
Projeto Gráfico
Alexandre Pedro de Medeiros

Textos
Jorge Coli
Alexandre Pedro de Medeiros
Victor Knoll

Fotografia de Obras
Alexandre Pedro de Medeiros: capa,
p. 5, 12-24
Gustavo Cambraia Giraldes: p. 25

Impressão
Gráfica Unicamp

Agradecimento
Victor Knoll



Visão geral da entrada da exposição com sete das onze obras participantes e texto de parede, por Jorge Coli, 6 abr. 2017.



Entrada da exposição, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Entrada da exposição com Valdinéa Petinari e Jorge Coli, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Abertura da exposição com Jorge Coli, Alexandre de Medeiros e Claudio Tozzi, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Jorge Coli e Claudio Tozzi, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Visão parcial da 2ª parte da exposição, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Visão parcial da 2ª parte da exposição com duas das onze obras participantes, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.



Visão parcial da 2ª parte da exposição com duas das onze obras participantes, por Antonio Scarpinetti e André da Silva Vieira (edição), 6 abr. 2017.